Plethora

Segundo Hanna Arendt, a sociedade moderna, enquanto sociedade do trabalho, aniquila toda possibilidade de agir, degradando o homem a um animal laborans - um animal trabalhador. O indivíduo moderno parece tão mergulhado na corrente do processo de vida que domina a geração, que a única decisão individual ativa é a forma de renunciar à sua individualidade para poder funcionar melhor.

Cada vez mais numerosa, a humanidade parece enclausurada em si mesma, seja pelo trabalho obrigatório, pelo entretenimento fugaz ou simplesmente pela rotina. O desenvolvimento através de fatores como o crescimento do PIB, rendas pessoais, industrialização, avanço tecnológico ou modernização social, tem nos levado ao aumento exponencial da população mundial, porém não surge como garantia de expansão das liberdades individuais. Quais as implicações de uma civilização cada vez mais aglomerada, envolta em um excesso de informações e estímulos?

A exposição Plethora observa e analisa distintos grupos humanos em grandes centros urbanos, restituindo o modo de vida de cada um deles em seus diferentes aspectos. Independentemente do lugar (São Paulo, Nova York, Tóquio, Mumbai, Pequim e Jacarta) ou do tema abordado, o confinamento surge a todo momento. Em cada imagem há uma certa contenção do corpo: mesmo quando não expostos claramente os métodos de trancar ou corrigir, como em Locked Up, é sempre do corpo que se trata  do corpo e de suas forças, de sua reclusão e de sua submissão. De funcionários trancados em escritórios a trabalhadores encaixotados em hotéis cápsula, a privação passa de um preceito das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos.

Assim como nas séries precedentes, mais uma vez Julio Bittencourt joga com a dualidade da fotografia, explorando-a tanto em seu caráter documental quanto conceitual. Sem o compromisso jornalístico com a realidade e valendo-se de suas próprias possibilidades criativas, o artista não busca responder às questões aprofundadas na exposição, mas nos provoca a debater sobre as consequências de um mundo superpopuloso.

Paulo Kassab Jr.